

## JARDIM E CULTURA

*Solange de Aragão\**

**RESUMO:** Se por um lado o termo “cultura” está relacionado a uma produção intelectual ou artística, por outro lado, relaciona-se ao modo de vida de uma sociedade, possuindo ainda, em sua origem, o sentido de “cultivar”. Neste artigo, pretende-se contrapor os jardins cultivados aos jardins artísticos, revelando-se o valor cultural de ambos. Inicialmente, são apresentados os diversos significados do termo “cultura”, estabelecendo-se relações entre estes significados e o jardim brasileiro. Em seguida, trata-se dos jardins cultivados, sendo apresentados cinco estudos de caso de áreas ajardinadas implantadas na cidade de São Paulo. À análise dos jardins cultivados, segue-se uma discussão sobre os jardins artísticos em contraposição àqueles cultivados pelos próprios moradores. Na parte final do texto, enfatiza-se a ideia do valor cultural do jardim.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jardim. Cultura. Arte.

**ABSTRACT:** On the one hand, the term “culture” is related to an intellectual or artistic production; on the other hand, it deals with a society way of life. In its origin it had also the meaning of “cultivation”. This article aims to present a comparison between cultivated and artistic gardens, revealing their cultural value. Firstly, we present several meanings of the term “culture”, and establish the relationship between these meanings and the Brazilian garden. Secondly, we deal with cultivated gardens, and present five case studies of garden areas situated in the city of São Paulo. After this analysis,

---

\* Arquiteta, urbanista, mestre e doutora pela FAU-USP. Atualmente desenvolve um projeto de pesquisa de pós-doutorado junto ao Departamento de História da FFLCH da USP, tendo como ponto de partida a obra *Sobrados e mucambos* de Gilberto Freyre.

there is a discussion on artistic gardens in comparison with cultivated gardens. Finally, the idea of the cultural value of the garden is emphasized.

**KEYWORDS:** Garden. Culture. Art.

### **As diversas acepções do termo “cultura” e os jardins brasileiros**

Na Academia, de um modo geral, costuma-se atribuir muita importância à produção artística e intelectual e pouca ou nenhuma importância à produção do povo, da gente mais simples, cujo conhecimento não vem da leitura de textos, da visita aos museus ou das viagens internacionais, mas da prática do cotidiano, das experimentações do dia-a-dia, da herança de um modo de vida.

Dessa forma, quando se pensa na temática “jardim e cultura”, logo vem à mente o trabalho de Burle Marx, conhecido paisagista brasileiro, artista consagrado, que contribuiu significativamente para difundir o paisagismo moderno do Brasil no exterior. Sua contribuição é, de fato, inegável. Mas por que o tema “jardim e cultura” não traz à mente também aqueles jardins mais simples, que se espalham pela cidade qualificando sua paisagem? E, por outro lado, por que esses jardins mais simples não despertam a atenção e o interesse de tantos pesquisadores como os jardins denominados artísticos se, do ponto de vista da construção da paisagem, são tão importantes quanto estes últimos? Ademais, o termo “cultura” não diz respeito apenas à produção acadêmica e intelectual; possui outros significados.

A origem do termo vem do latim “colere”, que possuía uma grande variedade de acepções, como “habitar”, “cultivar”, “proteger” ou “honrar com veneração”. A palavra “cultura” assumiu o sentido principal de cuidado ou cultivo.<sup>1</sup>

Em seus primeiros usos, o termo “cultura” se referia a um

---

<sup>1</sup> WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave*. São Paulo: Boitempo, 2007, p.117.

processo: “o cuidado com algo, basicamente com as colheitas ou com os animais”.<sup>2</sup> Mas a partir do início do século XVI, o sentido da palavra, relacionado ao cuidado com o crescimento natural e, portanto, relativo à lavoura, passou a incluir também o processo de desenvolvimento humano. Como substantivo independente, designando um processo abstrato ou o produto desse processo, passa a ser importante somente em fins do século XVIII, tornando-se comum a partir de meados do século XIX.<sup>3</sup> Nesse período, o termo começou a ser empregado também como sinônimo de “civilização”: “primeiro, no sentido abstrato de um processo geral de tornar-se ‘civilizado’ ou ‘cultivado’; segundo [...] como uma descrição do processo secular de desenvolvimento humano”.<sup>4</sup>

Raymond Williams estabelece três categorias para o uso moderno da palavra: “(i) o substantivo independente e abstrato que descreve um processo de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético, a partir do século 18; (ii) o substantivo independente, quer seja usado de modo geral ou específico, indicando um modo particular de vida, quer seja de um povo, um período, um grupo ou da humanidade em geral [...]; (iii) o substantivo independente e abstrato que descreve as obras e as práticas da atividade intelectual e, particularmente, artística” – sendo este último o sentido mais difundido atualmente<sup>5</sup>.

Em seu texto “Culture is ordinary”, Williams defende a ideia de que a cultura é algo comum a todos e não privilégio apenas de algumas camadas da sociedade. “A cultura é ordinária”, ele afirma. Toda sociedade humana possui sua própria forma, seus objetivos, seus significados próprios, que expressa por meio de suas instituições e por meio da arte e do conhecimento. A estruturação de uma sociedade abrange a descoberta de significados e direções comuns, e o seu desenvolvimento é um debate ativo que se dá sob a pressão da experiência. A sociedade formada está aí,

---

<sup>2</sup> *Ibid.*, p.117-8.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p.118.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p.119.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p.121.

mas ainda é criada e recriada em cada mente humana. A formação de uma determinada mentalidade envolve o aprendizado de formas, objetivos e significados que possibilitam o trabalho, a observação e a comunicação e são testados na prática, levando a novas observações, comparações e significados.<sup>6</sup> Segundo Williams, a cultura apresenta dois aspectos: as direções e significados conhecidos, aos quais os membros da sociedade estão acostumados, e as observações e significados inovadores, que devem ser testados. A cultura é, portanto, a um só tempo, tradicional e criativa; abarca tanto os significados comuns a todos quanto os mais requintados significados individuais.<sup>7</sup>

We use the word culture in these two senses: to mean a whole way of life – the common meanings; to mean the arts and learning – the special processes of discovery and creative effort.<sup>8</sup>

Se a cultura está relacionada tanto à tradição como às descobertas que são feitas e aos novos significados de uma sociedade, sendo tradicional e criativa; se está, ao mesmo tempo, imbuída de tudo o que é comum a um povo ou a uma comunidade e dos resultados mais requintados de buscas individuais, nas artes e nas letras; e se é a um só tempo expressão de um modo de vida (dos significados comuns) e expressão da arte e do conhecimento (nos processos de descoberta e esforço criativo), então não se pode atribuir importância cultural apenas ao que resulta de um saber artístico e acadêmico. Possui valor cultural também tudo o que representa uma tradição, o conhecimento que se transmite por meio da comunicação oral de uma geração a outra, o que expressa ou representa os traços ou as características comuns de uma comunidade.

Assim, ao estudar os jardins brasileiros, ainda que se reconheça as diferenças entre o jardim com tratamento paisagístico

---

<sup>6</sup> WILLIAMS, Raymond. "Culture is ordinary" (1958). s.n.t., p.4.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p.4.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p.4.

(em que o profissional especializado procura criar um arranjo ou uma composição com valor estético, pensando na relação entre cores e texturas, volumes e massas, cheios e vazios, sombras e luzes, contraste e harmonia) e o jardim cultivado pelo próprio morador (em que os elementos são acrescentados um a um de acordo com o gosto do proprietário, sem uma preocupação com o todo ou com a qualidade estética do espaço), é necessário atribuir a ambos um valor cultural – no primeiro caso, entendendo-se cultura como Arte e Conhecimento; no segundo, como um modo de vida e um conjunto de significações comuns a uma sociedade. Pode-se denominar um jardim de “artístico” e o outro de “cultivado”, sendo ambos expressão da cultura de um povo.

No Brasil, o jardim cultivado surgiu no período colonial, junto às casas térreas e sobrados – atrás dos muros e em pátios, no espaço urbano, ou em frente à residência patriarcal e nos fundos desta nas áreas rurais. O jardim artístico se difundiu apenas no século XIX no processo de re-europeização da cidade brasileira, havendo raros exemplares deste nos três primeiros séculos de colonização. Atualmente, é possível encontrar exemplares de jardins cultivados no espaço urbano (que subsistem ao processo de verticalização) e exemplares do jardim artístico – especialmente aqueles de caráter moderno ou contemporâneo.

### **Jardins Cultivados**

Ora, eu tenho rosas no jardim, rosas que cultivo com amor, que me querem bem, que me saúdam todas as manhãs com os seus melhores cheiros [...].

Machado de Assis

Se no período colonial predominou o sentido útil do jardim brasileiro, a partir do século XIX, com o Romantismo (movimento artístico que mudou a relação do homem com a natureza), o jardim cultivado pelo próprio dono adquiriu um sentido humano bastante significativo.

Cultivar o jardim passou a significar mais que o cuidado diário

com as flores e as plantas; tornou-se um cuidar com amor, com afeto. E de alguma forma, esses vínculos afetivos estabelecidos com as áreas ajardinadas perduraram até hoje, como uma expressão da cultura (no sentido de modo de vida) do povo brasileiro.

Alguns jardins são heranças de entes queridos e, desse modo, passam de geração a geração recebendo os mesmos cuidados, como se fosse uma tradição regar as flores, trocar as plantas, adubar a terra, enfeitar o jardim.

Na cidade de São Paulo, enquanto um grande número de jardins dos sobrados e das casas térreas é substituído pelo jardim do condomínio (um jardim plantado em caixas de terra sobre a laje da garagem, projetado por um paisagista, tratado por um jardineiro, em que não prevalece o sentido humano, mas o signo de status) ou mesmo pelas áreas cimentadas que dão abrigo aos automóveis, o jardim cultivado subsiste aqui e ali. É possível encontrar ainda uma área florida entre uma construção e outra, que por suas características (a mistura de plantas, flores, árvores frutíferas e outros elementos segundo o gosto individual e não de acordo com determinada corrente paisagística) sabe-se que se trata de um jardim cuidado pelo próprio dono, em que é expressivo o sentido humano.

### **O jardim de D. Ivone<sup>9</sup> – jardim de flores e frutos**

O jardim de D. Ivone, criado e cultivado por ela há anos, apresenta uma das características mais marcantes do jardim brasileiro tradicional: a mistura de flores, árvores frutíferas, ervas e plantas medicinais. É um jardim onde o sentido humano e o sentido útil (remanescente do período colonial) predominam sobre o valor estético. O resedá, a arruda, o mamoeiro, o boldo, a hortelã mistu-

---

<sup>9</sup> O jardim de D. Ivone, bem como os jardins mencionados a seguir, localizam-se na zona Oeste do Município de São Paulo, em bairros como Alto da Lapa, Vila Madalena e Perdizes. Todas as proprietárias tinham, à época da entrevista, acima de 40 anos. As entrevistas foram realizadas pela autora no ano de 2007.

ram-se às orquídeas e hortênsias; dividem o mesmo espaço, o mesmo pedaço de chão – compõem o mesmo jardim.

A proprietária estabeleceu fortes vínculos afetivos com esses espaços livres verdes e floridos. Ao ser questionada sobre o signi-



Figura 1. Jardim de D. Ivone. Fotografia da autora.  
São Paulo, 2007.

ficado de seu jardim, ela afirma: “*Tudo. O meu jardim é tudo pra mim*”. O cuidado é quase diário e, além das plantas e flores, D. Ivone vai acrescentando outros elementos ao jardim, “para deixá-lo mais animado”, para recordar e reviver a infância. São enfeites simples e coloridos, alguns dos quais produzidos por ela mesma. Dependurados nos galhos das árvores, dispostos junto à terra ou em meio às flores, esses enfeites conferem um caráter levemente lúdico ao jardim.

Nesse jardim, não existe uma ordem formal ou a procura por uma composição plástica nos moldes da estética. A distribuição dos novos elementos é feita de acordo com o espaço disponível e com a vegetação pré-existente. Existe, de fato, uma interação quase contínua entre a proprietária e as áreas ajardinadas. Essas interferências representam sempre uma expressão do gosto da moradora e uma forma de apropriação do espaço, que faz com que essas áreas estejam em constante processo de transformação – a cada dia uma planta pode ser acrescentada ou retirada e um novo elemento pode ser adicionado (diferentemente do jardim artístico, que deve ser preservado segundo o projeto original, não sendo admitida essa interação entre o homem e a natureza). Trata-se de um jardim que simboliza um modo de vida.

As pessoas que passam pela rua sentem-se atraídas pelo recanto florido e muitas vezes querem conhecer de perto esse espaço diferenciado entre as casas e os prédios de apartamento – resquício de uma cidade que já foi caracterizada por seus jardins.

### **O jardim de D. Dalva – jardim de pedras e de plantas**

O jardim de D. Dalva adquiriu um caráter lúdico pelo acréscimo constante de figuras de cerâmica e porcelana, distribuídas aleatoriamente (ainda que de modo intencional), assim como as plantas. Segundo a proprietária, esses elementos foram acrescentados com o intuito de atrair o olhar e entreter as crianças que passam pela rua.

O jardim frontal se estende pelas laterais do terreno (em can-

teiros e vasos de plantas com flores ornamentais, ervas, e árvores frutíferas), alcançando o recuo posterior, onde existe também uma pequena produção de adubo orgânico pelo processo da compostagem.



Figura 2. Jardim de D. Dalva. Fotografia da autora.  
São Paulo, 2007.

Pode ser denominado “jardim de pedras e de plantas”, porque a proprietária distribuiu em seu jardim pedras coletadas por todo o mundo – lembranças de suas viagens pelo Brasil, pelas Américas e por outros continentes. São elementos que individualizam o jardim. Cada pedra adicionada possui uma história e um significado, acentuando não apenas o sentido humano, mas seu valor de memória.

O cheiro do jardim remete à infância da proprietária, passada em um sítio no interior de São Paulo. O respeito à natureza levou ao plantio e cultivo de algumas espécies vegetais e a distribuição de recipientes com água, frutas e sementes que atraem e alimentam os pássaros da vizinhança.

Esse jardim é um emaranhado de pedras, plantas e flores (misturadas a elementos de cerâmica), frequentado pelos pássaros do entorno. A vegetação cultivada cresce ao lado das plantas que surgiram “espontaneamente”. A intenção é que lembre a natureza, mas há uma proporção significativa de componentes artificiais que indicam a intervenção humana em todo o espaço ajardinado.

Originalmente, era apenas um jardim de rosas e pertencia ao sogro de D. Dalva – responsável por sua manutenção. Precisou ser recriado, mas de certo modo preserva a memória de seu primeiro dono. A herança de um jardim é também a herança de um modo de vida, dos cuidados diários com as plantas e flores.

### **O jardim de D. Luíza – jardim de sons e imagens**

O jardim de D. Luíza foi criado pela mãe, e hoje é preservado pelas três irmãs – que herdaram o jardim. Essa área ajardinada impressiona pelo burburinho dos pássaros que brincam nas árvores e nas águas (bandos inteiros de maritacas, vários casais de rolinhas, além do sabiá, do bem-te-vi e de outras espécies que visitam diariamente esse espaço verde). Impressiona ainda o som produzido pelos vários “sinos do vento” distribuídos pelo jardim. Tanto os pássaros como os sinos conferem uma qualidade sonora a este jardim.

As plantas estão distribuídas em canteiros e vasos e as espécies se misturam: há desde orquídeas até um pé de café. Além dos “sinos do vento”, existem diversos outros elementos que atraem particularmente o olhar das crianças e dão um tom lúdico ao lugar.



Figura 3. Jardim de D. Luíza. Fotografia da autora.  
São Paulo, 2007.

O cuidado das proprietárias é quase diário e são tantos os elementos acrescentados ao jardim, que este se torna uma expressão do gosto individual das moradoras e um exemplar único na cidade de São Paulo. O jardim não é apenas cultivado (com suas flores e plantas); mas é transformado pelo acréscimo de componentes artificiais que interagem visualmente com os elementos naturais. Percebe-se a intenção de se criar uma composição de elementos naturais e artificiais sem, no entanto, a procura de um valor estético. Importa o “bonito”; não o sentido do belo.

Na memória, ficam guardadas as imagens e os sons desse jardim – um jardim de lembranças visuais e sonoras.

### **O jardim de D. Angelina – jardim de flores**

O jardim de D. Angelina é um exemplar dos jardins mais simples da cidade de São Paulo. Situa-se em frente a uma casa térrea de pequenas dimensões, ocupando parcialmente o recuo frontal, o qual é separado da rua por um muro baixo.

Considerando-se a pequena área que ocupa, apresenta uma variedade relativa de espécies, predominando as flores (como a rosa, tão comum nos jardins brasileiros do século XIX) e os arbustos (como a azaléia com flores de cores vivas).

A moradora, proprietária do jardim, cuida das plantas duas ou três vezes por semana. Estas são escolhidas e dispostas de acordo com seu gosto – sendo este o critério de seleção e arranjo da vegetação no terreno.



Figura 4. Jardim de D. Angelina. Fotografia da autora.  
São Paulo, 2007.

“Ah! Eu amo o meu jardim. Eu gosto demais de plantas.” – assim D. Angelina expressa o significado de seu jardim, evidenciando o valor afetivo e o sentido humano desse pedaço de chão ajardinado. Do ponto de vista paisagístico, talvez não seja possível falar em valor estético, uma vez que as plantas são distribuídas sem intenção estética, de maneira quase aleatória ao olhar do observador. É, no entanto, um jardim que aparece integrado à paisagem, com sua vegetação sobressaindo-se atrás dos muros.

#### **O jardim de D. Maria Aparecida – jardim de enfeites, flores e ervas**

O jardim de D. Maria Aparecida atrai a atenção dos transeuntes pela quantidade de enfeites em meio à vegetação. À época dos levantamentos de campo, os tradicionais “anõezinhos de jardim” haviam sido substituídos por enfeites natalinos.



Figura 5. Jardim de D. Maria Aparecida. Fotografia da autora.  
São Paulo, 2007.

Implantado em frente à residência, o jardim se estende ao quintal, onde existem bancos e árvores com frutos (como laranjeiras, coqueiros e romãzeiras). Como característica do jardim brasileiro tradicional, além das árvores frutíferas, foram plantadas no jardim margaridas, palmas, azaléias, hera holandesa e bico-de-papagaio (entre outras tantas espécies de flores e plantas ornamentais) misturadas à hortelã, ao capim-santo, à erva-cidreira, à arruda e a um pé de pimenta – elementos que conferem um sentido útil ao jardim.

A própria moradora cuida das plantas diariamente e afirma ter acrescentado enfeites ao jardim (alguns deles produzidos por ela mesma) com o intuito de deixar a casa mais alegre e de atrair o olhar das crianças. D. Maria Aparecida afirma que seu jardim é “como se fosse um filho”. A todo momento ela sai de sua residência para mudar alguma planta, algum objeto: “Eu tenho um cuidado todo especial com meu jardim, com minhas plantas”. Nesse cuidado especial, prevalece mais uma vez o sentido humano do jardim.

Esses jardins possuem uma riqueza cultural peculiar; muitos deles possuem características do jardim tradicional brasileiro, que se preservaram ao longo dos séculos, como a mistura de flores e frutos, de ervas e plantas medicinais ou mesmo a presença da água caindo continuamente na fonte. Caracterizam uma sociedade que, ao mesmo tempo em que se afasta da natureza e das paisagens naturais, e vê de mãos atadas o desaparecimento contínuo e ininterrupto das florestas em território nacional, busca uma certa proximidade dos elementos naturais, da flora e da fauna, por meio da criação e cultivo das áreas ajardinadas no espaço urbano.

São jardins que foram criados e cultivados por seus proprietários em frente às casas térreas e sobrados e que por vezes se estendem pelas laterais do terreno, alcançando o quintal. Jardins que demonstram o gosto dos moradores por meio da escolha desta ou daquela planta em sua composição, e que representam a intenção de se criar espaços capazes de atrair a atenção dos transeuntes – ainda que não se observe neles a busca do “belo”, no sentido da estética.

Esses espaços fazem parte do cotidiano daqueles que os cultivam, não apenas na observação e no uso, como áreas de contemplação e estar, mas no cuidado quase diário, com o acréscimo e a retirada de elementos, com o trabalho com as plantas e com a terra. São expressão de um modo de vida.

O cultivo de plantas e ervas medicinais e de árvores com frutos que fazem parte da dieta dos brasileiros confere a essas áreas um sentido útil; mas é o sentido humano que prevalece, pois suas flores e plantas são cultivadas com afeto.

### **Jardins Artísticos**

... sem jardins, edifícios e palácios não passam de construções grosseiras...

Francis Bacon

O termo “arte” designava, nos primeiros tempos, qualquer tipo de habilidade. Somente a partir de fins do século XVII tornou-se comum uma aplicação especializada relacionada a um conjunto mais específico de habilidades (como a pintura, o desenho, a gravura e a escultura). O conceito de Arte (estabelecido de um modo mais abstrato e grafado com inicial maiúscula) generalizou-se apenas no século XIX, relacionado historicamente nesse sentido ao desenvolvimento de “cultura”.<sup>10</sup> A associação com “criativo” e “imaginativo” data de fins do século XVIII e início do século XIX; e o adjetivo “artístico” remonta a meados do século XIX.<sup>11</sup>

O significado da arte como “o produto da habilidade humana” foi muitas vezes contraposto à natureza – enquanto produto de alguma qualidade inerente.<sup>12</sup> Pensar o jardim como arte e natureza poderia parecer, desse ponto de vista, contraditório. Mas o jardim artístico representa a habilidade do homem trabalhar a natureza, ou o mundo material que o rodeia, fazendo uso de elementos

---

<sup>10</sup> WILLIAMS, *op. cit.*, p.60.

<sup>11</sup> WILLIAMS, *op. cit.*, p.61.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p.61.

naturais, que são dispostos objetivando-se a qualidade estética, segundo a sensibilidade do artista.

Na segunda metade do século XX, Garrett Eckbo difundiria nos Estados Unidos a produção da paisagem de acordo com os princípios artísticos:

In school design begins with principles. The art elements – line, shape, color, texture, mass, space – are organized through rhythm, balance, emphasis, and proportion into a harmony of unity and variety which may be beautiful. The fact that the following of this principled path does not guarantee the production of beauty indicates that the large unknown in the equation is the human factor, the designer and the client. It is their talent, imagination, skill, understanding, sensitivity, and sympathy which determine whether the design process produces a more or less successful solution to a problem and/or a work of art which brings forth a growing response from an expanding audience.<sup>13</sup>

Segundo Eckbo, a linha pode estar na junção de dois materiais, como no limite de um caminho de concreto ou em um córrego silencioso. As formas, áreas completas ou quase completas de material circundado por linhas, podem ser fixas ou representar uma silhueta – um terraço de concreto possui uma forma fixa, uma árvore possui uma silhueta que se altera com o movimento da folhagem e dos galhos. A cor torna um lugar vivo ou silencioso, alegre ou triste. O tom (que representa a relação entre a cor, a luz e a textura) altera a qualidade visual do lugar. A textura relaciona-se à escala: em uma escala menor, pode ser o detalhe de uma superfície, na escala humana, pode ser a variação do tamanho, da forma e do arranjo da folhagem, o padrão de ordenação dos tijolos em uma construção ou o efeito do vento na água. Na escala da paisagem, a textura é o arranjo das construções e a disposição das ruas no espaço urbano ou a distribuição das águas em rios, córregos e lagos. A massa representa a forma sólida tridimensional

---

<sup>13</sup> ECKBO, Garrett. *The landscape we see*. New York: Mac Graw-Hill Book Company, 1969, p.199.

– as colinas e montanhas são massas sólidas percebidas como formas e a vegetação pode parecer uma massa visual à distância. O espaço é o volume definido por elementos físicos – a topografia e as árvores são definidores de espaço na natureza, assim como as construções humanas na paisagem. O ritmo é produzido pela repetição de elementos iguais ou similares, sem necessariamente significar o emprego de um único e simples padrão. O balanço é o arranjo de elementos físicos segundo padrões ou estruturas que dão a sensação de equilíbrio ou estabilidade ao observador. A ênfase corresponde ao modo de se articular as partes ou o arranjo de uma composição. A proporção é o meio pelo qual as partes são unificadas e articuladas no todo.<sup>14</sup>

No Brasil, seriam Burle Marx (artista plástico e paisagista) e Roberto Cardozo Coelho (seguidor da escola californiana de paisagismo de Garrett Eckbo) que difundiriam, por meio de seus projetos, seus textos ou cursos ministrados, a produção da paisagem e das áreas ajardinadas segundo princípios artísticos – Waldemar Cordeiro, nas décadas de 1950 e 1960, nos trabalhos de seu escritório “Jardins de Vanguarda”, seria responsável pela difusão da concepção óptica e visual do jardim, evidenciando sua ligação com o movimento concretista; ele aparece junto a Cardozo na formação de uma escola paulista de paisagismo, enquanto Burle Marx aparece como expoente da escola carioca.

A história de vida de Burle Marx demonstra um aspecto importante da história dos jardins: o jardim artístico surge apenas onde existe a cultura do jardim. Sua mãe, Cecília Burle, possuía um jardim cultivado e foi por meio da observação dos cuidados diários de sua mãe em relação a essa área ajardinada, situada na Vila Fortunata, em São Paulo, que ele aprendeu a apreciar o plantio e o cultivo de flores e plantas ornamentais. O sítio Burle Marx, que ele adquiriu em 1949, é um exemplo de jardim artístico e cultivado a um só tempo, uma vez que o artista cultivava suas plantas com arte.

---

<sup>14</sup> *Ibid.*, p.199-203.

Lukács, ao tratar do jardim como fenômeno estético (ou pseudoestético), afirma que o “jardín, como cualquier edificio, es ante todo una realidad cuya existencia, epistemológicamente vista, no queda en absoluto afectada por el hecho de que esté o no esté creado estéticamente”.<sup>15</sup> O jardim, como a arquitetura, surge de necessidades vitais essencialmente práticas e, como é natural, os sentimentos de prazer desencadeados pela prática da jardinagem, pelo uso de seus produtos, pelo sentido de vitória sobre a natureza desempenham um papel importante na gênese do jardim no sentido da estética. Por outro lado, a ordenação das plantas em linhas regulares e a distribuição geométrica das plantações, visando a sua melhor utilização, aos poucos se convertem em princípios construtivos de conformação estética.<sup>16</sup>

Os primeiros jardins, portanto, resultado de necessidades vitais, não eram ordenados esteticamente, tampouco arranjados ou distribuídos por meio de uma composição plástica. O próprio trabalho com o jardim levou a percepção de possibilidades de arranjo, de uma ordenação plástica por meio de traçados ora geométricos, ora orgânicos. Em um último estágio, a sensibilidade artística produz o jardim estético (ou artístico).

Lukács chama atenção para o fato de que o ponto de vista estético só é aplicável a um número relativamente reduzido de jardins.<sup>17</sup> Na cidade brasileira, existem os jardins cultivados pelos próprios donos; os jardins cultivados e ordenados por jardineiros (que apesar do cuidado com as plantas não garantem um arranjo possuidor de valor estético); os jardins planejados por arquitetos e outros profissionais especializados que nem sempre possuem o conhecimento necessário (técnico e plástico) para o trabalho com a vegetação; os jardins projetados por arquitetos-paisagistas e paisagistas que trabalham para o mercado imobiliário, fazendo uso de colagens e cópias de jardins existentes no exterior; e, finalmente, os jardins concebidos por arquitetos-paisagistas e paisagistas

---

<sup>15</sup> LUKÁCS, George. *Estética*. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1965, p.157.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p.157.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p.158.

como obras de arte, expressão da originalidade, do conhecimento, da criatividade, da habilidade e da sensibilidade do artista. Apenas estes últimos podem ser denominados jardins artísticos, empregando-se o adjetivo derivado da acepção de Arte relacionada a habilidades específicas e associada à criatividade e à imaginação.

Ao se observar um jardim de Burle Marx, por exemplo, percebe-se de imediato a originalidade, a composição plástica dos elementos (piso, água, painéis, vegetação), a criação sem a cópia, sem a colagem, sem a necessidade de se produzir aqui um jardim com traços europeus. Os jardins de Burle Marx são tropicais, como são também uma das expressões mais elevadas de imaginação e de criatividade. O artista/paisagista criou espaços a partir de seu gesto, de seu traço, de sua imaginação, de sua linguagem poética tão peculiar, e não a partir de modelos pré-existentes. Por esse motivo sua obra é extremamente valorizada no exterior – em contraposição a tudo que se produz no Brasil que não passa de mera cópia dos modelos europeus.

O jardim artístico pressupõe criação e originalidade. Estando relacionado ao lugar, ao locus onde é implantado, à sociedade que o recebe, ao momento histórico ao qual pertence, torna-se expressão da cultura de um povo – no sentido de Arte e Conhecimento.

### **O valor cultural do jardim**

pelos caminhos  
que a ti levavam,  
vendo e sonhando,  
só descobria  
jardins de flores,  
chácaras largas  
com seus perfumes  
de terra e vento,  
de folhas e águas...

Cecília Meireles

John Dixon Hunt afirmou que as circunstâncias culturais do lugar determinam vários aspectos da forma e do significado do jardim, inclusive a proporção de elementos sólidos e delicados, a relação entre os jardins e as construções adjacentes ou entre os jardins e a paisagem, e também os motivos de sua criação.<sup>18</sup>

Por um lado, a cultura do lugar leva à cultura do jardim e determina as suas características, por outro, o jardim é expressão da cultura de um povo. O cultivo de um jardim é uma herança cultural.

Não havia jardins no Brasil antes do Descobrimento. A ideia dos jardins veio com os portugueses e os holandeses – habituados à cultura do jardim no continente europeu. Nos três primeiros séculos de colonização, predominou o sentido útil do jardim – que muitas vezes aparecia misturado às hortas e pomares e apresentava ervas medicinais entre flores e plantas ornamentais. No entanto, foi nesse período que se difundiu a cultura do jardim – não pelo gosto de cultivar as plantas, mas pela necessidade de ter junto às casas-grandes e sobrados os elementos empregados na elaboração de remédios caseiros, no preparo de alimentos, doces e sucos, na limpeza – como o invólucro do coco da Bahia, utilizado para limpar o soalho, como constatou Debret,<sup>19</sup> e na decoração do ambiente.

O gosto de cultivar o jardim se estabelece de fato a partir do século XIX, quando o sentido humano se torna mais expressivo que o sentido útil (embora em alguns jardins apareçam justapostos). Nessa época, surgem os jardins ornamentais em frente às residências – sem ervas e frutos, legumes e verduras, apenas com flores e plantas, e o jardim paisagístico nas áreas públicas – com traçado inglês, criação de perspectivas, linhas curvas e sinuosas. Excluindo-se a produção que era mera cópia dos jardins europeus, restavam poucos jardins que poderiam ser denomina-

---

<sup>18</sup> HUNT, John. "Garden. Introduction". In: TURNER, Jane. *The dictionary of Art*. New York: Grove, 1996, p.61.

<sup>19</sup> DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1768-1848)*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Edusp, 1978, p.237.

dos de fato de jardins artísticos. A difusão destes pelo país deu-se apenas no século XX. No entanto, é preciso observar que no século XIX o jardim já havia se tornado uma expressão da cultura brasileira. O povo brasileiro já estava habituado a cultivar e apreciar jardins. Essa herança cultural permaneceu ao longo do século XX e permanece, ainda, neste início do século XXI – não obstante o crescimento das cidades, o processo de verticalização e a difusão do automóvel. Em qualquer cidade que se visite, sejam as capitais (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Salvador, Aracaju, Vitória), sejam cidades do interior (São Carlos, Santa Rita do Passa Quatro, Itapeva, Bauru, Brotas, Pindamonhangaba, Presidente Prudente), é possível encontrar jardins cultivados em frente às casas térreas e sobrados. A maior parte desses jardins não possui valor estético quando analisados individualmente, mas todos contribuem para qualificar a paisagem urbana em termos estéticos, visuais e ambientais, e possuem, indubitavelmente, um valor cultural – diverso daquele que se pode atribuir aos jardins de Burle Marx, Roberto Cardozo Coelho, Waldemar Cordeiro, Luciano Fiaschi, Isabel Duprat e Rosa Kliass, mas importante da mesma forma.

São dois jardins em extremos opostos: o jardim cultivado pelo próprio dono e o jardim artístico. No primeiro, predomina o sentido humano; no segundo, o valor estético. Mas ambos, de formas distintas, são expressão da cultura brasileira.

Recebido em fevereiro de 2009

Aprovado em abril de 2009